

CAPITULO XI

A EXPRESSÃO LUDICA

O mundo da criança e o mundo do adulto; sua interpenetração: o brinquedo. Aspecto dominante do brinquedo. A evolução dos brinquedos: os brinquedos experimentaes e os brinquedos sociaes. A concepção philogenica do brinquedo: STANLEY HALL. A concepção biologica do brinquedo: KARL GROOS, CARR, LANGE. A concepção psychologica do brinquedo: CLAPARÉDE, BÜHLER, KOFFKA. A concepção psychanalytica do brinquedo: FREUD, ADLER. Referencias bibliographicas. Resumo. Vocabulario.

O mundo da criança e o mundo do adulto.

A conducta da criança revela a physionomia caracteristica do seu mundo. Em face dos acontecimentos a criança e o adulto concebem differentemente a realidade. O adulto tem uma attitude de acceitação, de conformidade, dentro das contingencias exteriores; a criança permanece á margem e acima da realidade, graças á sua capacidade de crear *a sua realidade*. A necessidade de comprovação, segundo Piaget, é uma consequencia do convívio social. Para que a criança attinja á plena consciencia da realidade terá de atravessar varios estadios: 1.º — até o 2.º ou 3.º anno ha uma confusão entre o real e o seu proprio desejo; 2.º — até o 7.º anno ha dois mundos igualmente reaes; 3.º — até o 11.º ou 12.º anno inicia-se a organização dos planos nestes dois mundos; 4.º — desta data em diante aperfeiçoa-se essa organização hierarchica em virtude do desenvolvimento logico.

A principio para a criança não ha distincção entre seus sonhos ou seus desejos e os objectos que percebe; elles teem uma consistencia e os demais attributos da realidade. Os seus julgamentos, as suas supposições identificam-se perfeitamente com o sensível: um pedaço de pau vale tanto quanto uma pessoa ou um animal. Mais tarde a criança descobre o mundo exterior e este terá a mesma realidade do seu mundo subjectivo; é com o maior desembaraço que ella age dentro delles, mas durante muito tempo o mundo exterior lhe parece menos importante do que o *seu*. E' frequente mesmo reduzir a criança o mundo objectivo aos seus proprios brinquedos; e não é sem resistencia que ella abandona a sua actividade ludica para penetrar no dominio cheio de restricções e de ordem do adulto.

Deixar os seus brinquêdos para realizar qualquer tarefa considerada como actividade *seria* custa sempre um grande esforço — resistencia e protestos de toda natureza. E' que durante muito tempo a criança prefere permanecer na esphera de sua phantasia. Com a evolução do seu pensamento logico, a criança estabelecerá uma ordem hierarchica que tende cada vez mais a fixar-se, a adaptar-se ás condições impostas pela vida social.

Durante todo o periodo da infancia a criança vive num mundo á parte. Emquanto ella não appreende do mundo exterior os elementos que permittam elevá-la a uma nova comprehensão da vida — a vida do adulto — permanecerá dentro de um mundo em que só ha o plano do *aqui* e do *agora*. Sair desse circulo de percepções presentes e de concepções cheias de adherencias pessoaes equivale a dizer que a criança attingiu a um desenvolvimento completo. Começa a phase das construcções sobre planos em perspectiva. Despreza-se no espaço e no tempo, do ponto de partida adstricto ao *aqui* e ao *agora* e distende a sua comprehensão a dominios de pura abstracção. Socializa-se o individuo graças á necessidade constante de melhor adaptação a um sentido de vida que é o unico acceitavel na ordem social (1).

De onde parte a criança e como ella, aos poucos, deixa atraz o seu mundo mythico para attingir a este estadio de evolução é que tem sido ainda impossivel explicar perfeitamente. A infancia e a idade adulta são duas espheras de vida, cada uma com o seu significado e conteúdo proprios. O processo de interpenetração e de justaposição desses dois mundos tem escapado aos theoricos. O brinquedo é que permite essa interpenetração e justaposição dos dois mundos. A conducta da criança emquanto brinca revela o nucleo da sua mentalidade primitiva e mythica. Descobre-se a direcção e a propria estrutura de seu psychismo nos varios momentos de seu desenvolvimento logico: dentro de suas construcções mythicas e em transição para uma concepção clara das realidades exteriores. Dahi a necessidade da interpretação do brinquedo infantil. Explicá-lo — o que não foi ainda possivel com os

methodos até então postos em pratica — seria penetrar no proprio significado da infancia.

O brinquêdo é a actividade fundamental da criança. Brincando ella tem oportunidade para expandir o nucleo archaico que cada individuo guarda como uma herança ancestral. Integra-se em si mesma nessa mysteriosa e primitiva manifestação egocentrica de todas as suas tendencias e anseios obscuros. E' o brinquêdo a grande expressão de vida da infancia. Antes de surpreender no universo a plenitude de sua realidade a criança permanece num mundo á parte, construido para satisfação de sua mentalidade. O problema do brinquêdo — escreve T. Causi — é o problema da criança. Por isso explicar o brinquedo “é penetrar na intimidade organica e espiritual da criança.” (2).

Aspecto dominante do brinquêdo.

Se observarmos o interesse, a attenção absorvente que a criança concede ao brinquedo não podemos deixar de considerá-lo como uma actividade *seria*. Essa seriedade que parece um absurdo do ponto de vista do adulto, vae ao extremo de incorporar todas as cousas a esta sua dominante actividade. Os sêres inanimados são mesmo integrados na categoria dos sêres vivos. Nota-se bem este facto na conducta da criança quando conversa com as bonecas, os carros, os cavallos de pau, ou quando admite que esses objectos pensam e sentem como ella propria. Isto de attribuir ás cousas mortas as qualidades de vida tem sido acceito como aspecto principal do brinquêdo. E' o *animismo* infantil muito semelhante ao animismo do primitivo. A criança e o primitivo explicam os phenomenos da natureza por deducção dos seus proprios attributos. Levy-Bruhl e Koffka rejeitam a interpretação de que a criança começa por perceber as cousas com as suas qualidades naturaes e que depois as anima de vida. “O animismo — affirma este ultimo autor — não pode ser concebido como uma *explicação* do mundo; em primeiro logar porque a vida do homem primitivo não é tal que possa sentir interesse por explicações theoricas; e depois porque as causas naturaes que lentamente

descobrimos não existem para elle" (3). Assim os primitivos não teem necessidade de explicar o que para elles não existe. O que consideramos como causas naturaes, com propriedades que lhes são particulares, existe para elles differentemente — são cousas com propriedades mysticas. Todo o universo é englobado nessa concepção mystica. Igualmente a criança não distingue o inanimado do animado; ella percebe nas cousas uma mesma actividade vital. E' a opinião de Bühler quando affirma que a criança nada sabe da vida e da alma.

A distincção exacta das cousas e dos seres vivos decorre, segundo a hypothese de Koffka, dos effeitos da sua conducta em face das cousas (4). Lentamente a criança aprende as qualidades inherentes ao mundo exterior. Notará as reacções das cousas que são vivas e a passividade das que são inanimadas. Mas até que a criança chegue a essa verificação, a sua conducta será identica em qualquer caso. Todas as cousas possuem qualidades animicas de começo, a pouco e pouco faz-se a differenciação. Absurdo seria considerar-se a criança em condições de perceber como os adultos as cousas exteriores e depois attribuir-lhes, á sua propria semelhança, qualidades animicas.

A evolução dos brinquedos: os brinquedos experimentaes e os brinquedos sociaes.

E' quase impossivel determinar-se desde que momento a criança brinca. O que caracteriza propriamente o brinquedo? Para Bühler a actividade ludica se distingue das demais actividades infantis pela sua tonalidade *prazenteira* (5). E' este caracter affectivo do brinquedo a causa da sua repetição frequente. Dahi podermos dizer que o brinquedo coincide com as actividades vitaes que despertam com os primeiros momentos, logo que essas actividades se exercitam com prazer. Como a criança não possui ainda os mecanismos motrizes em condições de um funcionamento livre, o brinquedo reduz-se a partir dos 6 mezes aos movimentos desordenados dos membros e aos exercicios vocaes que succedem á satisfacção das necessidades

elementares. Logo que a criança é capaz de realizar correctamente os movimentos de apreensão e de marcha, os brinquedos se tornam mais variados: agitar os objectos, produzir ruidos, correr, saltar são novas formas de brinquedo, compatíveis com o seu desenvolvimento physico e mental. Com o progresso das qualidades inventivas, os brinquedos se apresentarão sob modalidades numerosas, variando de maneira imprevisita segundo as situações e os estímulos de cada momento.

Os autores classificam os brinquedos infantis sob diferentes criterios, mas de todas as classificações a mais satisfactoria é a de Karl Groos. Esta classificação divide os brinquedos segundo o criterio individual ou colectivo dos mesmos. Os primeiros são experimentaes, os segundos tendem a despertar as tendencias sociaes (6). Graças aos jogos experimentaes, os mais cedo a apparecerem, a criança desenvolve as actividades geraes; e graças aos jogos sociaes, que são as formas superiores de brinquedo, a criança dá expansão ás actividades especiaes, necessarias á vida em commun.

I — *Brinquedos experimentaes*:

1 — De caracter sensorial:

- a) visuaes
- b) auditivos
- c) tacteis

2 — De caracter motriz:

- a) com o proprio corpo: balbuciar, correr, saltar, trepar, etc.
- b) com objectos: destructivos, constructivos, etc.

3 — De caracter superior:

- a) intellectuaes
- b) inventivos
- c) inhibidores: fazer silencio, evitar movimento.

II — *Brinquedos collectivos*

1 — De luta:

- a) de aposta
- b) de ataque
- c) de caça

2 — De amor:

- a) de boneca
- b) de situações familiares.

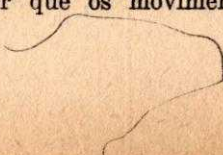
3 — De imitação:

- a) livres
- b) organizados

4 — De sociedade:

- a) de camaradagem
- b) de theatro
- c) de esportes collectivos.

Os brinquedos do primeiro grupo se iniciam com os movimentos dos membros e o balbucio. Estas primeiras manifestações são acompanhadas de vivo prazer e são de duração indefinida. A criança exercita seus órgãos motores a principio; depois os órgãos sensoriaes passam a ter uma grande preponderancia na actividade ludica: olhar a luz e as côres, escutar o som do maracá e as canções de embalo. Logo que a criança começa a revelar os primeiros indícios de invenção, de intelligencia e de vontade, novas formas de brinquedo apparecem. O aprendizado dos movimentos de appreensão e de marcha não seria feito sem os brinquedos motrizes: agarrar, sacudir, correr, saltar, trepar, etc. Todos esses brinquedos constituem a nota predominante até certo momento. E' preciso salientar que os movimentos só são motivo de prazer



quando a criança encontra difficuldades a vencer. O exito dos esforços determinando prazer faz com que a criança recomece varias vezes o mesmo exercicio até que, desapparecendo a difficuldade, perca o interesse. Assim que a criança começa a andar, novas difficuldades engendra. Observa Preyer que a criança adopta toda especie de modificações da marcha: põe os pés para dentro ou para fóra, anda sobre os calcanhares, sobre as pontas dos pés, para traz, etc.

Outra especie de brinquêdos motrizes é a que se refere a objectos. Iniciam-se esses brinquêdos com o transporte de objectos usuaes de uma para outra parte, sem intenção definida, em conservar esses mesmos objectos nas mãos, em voltá-los, machucá-los, sacudí-los, etc. Mais tarde surgem os chamados brinquêdos de destruição — brinquêdos em que as crianças se fixam durante muito tempo até que aos poucos são substituidos pelos de construcção. O material que a criança emprega nessas construcções é em regra escolhido por si propria; areia, pedras, carreteis, etc. são a materia prima preferida. Brinquedo de grande interesse nesta epoca é o de atirar objectos á distancia: começando pelo simples jogar objectos ao chão, este brinquêdo tende a desenvolver-se consideravelmente com bolas. Com uma simples bola a criança fica absorvida horas a fio: arremessa-a pelo simples prazer de arremessar de começo, com effeito desejado mais tarde. As mãos são substituidas desde cedo pelos pés: dar com o pé na bola é um jogo que desperta extraordinario prazer.

Os brinquedos sensoriaes começam no berço com o simples olhar a claridade e escutar os sons. “Quando uma criança de 6 mezes — diz Bühler — toma em sua mão e dá voltas a um pedaço de madeira, absorve-se completamente nesta actividade e nos dá a impressão de que não somente goza com os movimentos, mas tambem com as sensações tacteis e visuaes, prazer que é a força propulsora destes jogos” (7). As primeiras explorações tacteis são feitas no seu proprio corpo — pés, dedos, etc., os quaes a criança toma como objectos extranhos. Depressa os seus órgãos sensoriaes começam a alcançar as cousas mais distantes: as côres, as formas, os sons, etc. são estimulos de

brinquedos sensoriaes. Os objectos moveis que permitem constantes variações de posição ou de attitude são os preferidos. Por isso é que ha tão forte interesse para os animaes ou brinquêdos de movimento. Com certeza nesta epoca os brinquêdos estaticos nenhuma importancia teem; ou antes, logo a criança os transforma em peças moveis com as quaes pode construir o que entende. Já tivemos oportunidade de mencionar a tendencia destructiva da criança nesta epoca, — apparentemente destructiva, poderíamos dizer. Na realidade a criança é impellida a dar expansão á sua actividade construtora; a destruição dos brinquedos estaticos é uma maneira de torná-los mais plasticos e dynamicos. Com as peças desarticuladas a criança tem oportunidade de armar o que lhe convem e de cada vez uma nova construcção.

Erro em que incorrem muitos paes é o guardar brinquêdos para quando os filhos tiverem mais idade. Elles procuram evitar a *destruição*. Mas é interessante notar como as crianças se vingam desse zêlo excessivo dos paes, desprezando inteiramente os brinquedos simplesmente *para ver*. O seu interesse se volta de maneira absorvente para objectos considerados insignificantes. E' que a criança attende sobretudo ao seu instincto constructivo. Os brinquêdos estaticos, inteiriços não lhe permitem a renovação constante de situações ou de scenas animadas.

A proposito da insistencia com que as crianças novas ás vezes se entreteem com os mesmos brinquêdos de baixo nivel intellectual e da mobilidade que outras vezes ellas revelam ensaiando a cada instante brinquedos novos, Gaupp emite opiniões que merecem reparo. (8). A perseverança com que uma criança apita ou desliza sem cessar é explicada por este autor como resultante da pobreza de representações da criança e como necessidade de prazer que o rythmo produz; e a variação de brinquedo é interpretada como indicio de fadiga. Não nos parece razoavel a interpretação de Gaupp para essas duas hypotheses. Em cada momento tem a criança necessidade imperiosa de satisfazer umas tantas disposições physicas ou mentaes que despontam. A perseverança ou a mobilidade

no brinquedo existem em função dessas mesmas disposições. Tocar corneta ou rufar o tambor o dia inteiro corresponde ao interesse do momento. Necessariamente nesta época as peças de um jogo de armar, os soldados de chumbo ou a bola não estimulam o interesse infantil: estes brinquedos corresponderão a seu tempo a outros interesses. A própria criança selecciona os objectos de brincar; tanto assim que os modifica ou os despedaça afim de ajustá-los aos seus interesses ou disposições do momento.

Dos brinquedos collectivos destacaremos os de luta, o da boneca, os familiares e os de imitação. Estes brinquedos favorecem a adaptação da criança ás normas collectivas. Carr vê em certas especies de brinquedos collectivos uma necessidade para a liberação de certas tendencias anti-sociaes. Ha na realidade um fundo egotista nas crianças novas. Facilmente notamos este facto na maneira como se conduzem as crianças educadas sem companheiros, que se intromettem pela primeira vez em brinquedos collectivos. Ellas não se adaptam immediatamente ao grupo; logo revelam o seu egotismo pela falta de tolerancia, de acceitação das ordens e das normas adoptadas no brinquedo; rebellam-se com facilidade, querem alterar as combinações, entram logo em luta: são verdadeiros *desmancha-prazeres*. Com a continuação acabam por se adaptar ao grupo.

Os brinquedos de luta são considerados como um remanescente da herança combativa dos primitivos. Os brinquedos de luta, de caça e de esconder recordam realmente as actividades ancestraes. Elles são organizados espontaneamente pelas crianças — o que torna possivel a hypothese hereditaria desses brinquedos. As crianças empenham-se em luta a principio por hostilidade; são as disputas que começam em arenga e vão até o attricto dos corpos. Essas lutas sobreveem do choque egotista das crianças. Mais tarde o brinquedo de luta organiza-se, toma o aspecto de combate entre dois partidos, com regras pre-estabelecidas e campos de acção perfeitamente delimitados. São os combates simulados, as guerras de mentira.

O brinquedo da boneca, pelo seu relêvo na vida da criança, é por isso mesmo o mais importante dos brinquedos. Sem nos reportarmos a memorias de mulheres illustres ou a romances de crianças, uns e outros mais ou menos convençionaes, podemos notar pela simples observação quanto a criança, sobretudo a do sexo feminino ama a boneca. Ha vestigio do brinquedo da boneca nas civilizações mais antigas; as crianças de todas as raças possuem as suas bonecas. Os esforços de investigação da origem deste brinquedo têm sido mais ou menos improficuos. E' possivel que a boneca descenda em linha recta dos symbolos totemicos dos povos primitivos, symbolos que foram perdendo o seu character mythico com o desenvolvimento da mentalidade humana. Não será o apêgo que as crianças lhes teem um residuo desse fundo archaico da alma humana que tende a desaparecer por influencia das construcções da vida social presente?

De todos os brinquedos infantis é o da boneca o que nos parece mais enquadrado na concepção de Adler. A necessidade de superar a secular inferioridade feminina tem na boneca a mais decisiva compensação. Brincando com a boneca, a menina tem a illusão de um dominio, de uma autoridade que se affirma como em nenhuma outra forma de conducta. As situações que a criança pode criar livremente com a boneca tornam mais viva a illusão de poder. Aliás a utilidade do brinquedo da boneca tem sido já admittida de certo modo por Queyrat e Claparède como uma expansão do instincto de dominio (9). Não é quanto a esse aspecto que o consideramos, mas como uma compensação da inferioridade da criança.

Não acreditamos que o brinquedo da boneca seja apenas uma manifestação do instincto maternal, como certos autores admittem. Seria negarmos a força insuperavel deste mesmo instincto que por certo ha de desabrochar no tempo opportuno, sem necessidade de preparação. Além disso é mais frequente do que se suppõe brincarem meninos com a boneca. Sem levarmos em conta hypotheticas tendencias feminoides, preferimos considerar o brinquedo da boneca como uma compensação da inferioridade infantil.

Os brinquedos familiares são muito communs nos agrupamentos infantís. De certo que as situações criadas pelas crianças como fazer de pae e de filhos, são grandemente influenciadas pela imitação. E' para assignalar como nesses brinquedos se submettem as crianças ás normas necessarias para a sua realização. Esses brinquedos e todos os demais de character social são de uma importancia consideravel como estimulo das tendencias gregarias da criança.

Nos brinquedos de imitação revelam-se as crianças com um poder de observação que surpreende. E' claro que não nos referimos ás primeiras tentativas de imitação ao inicio da infancia. A imitação na segunda infancia já mostra quanto a criança se deixa influenciar pelo meio em que vive. Os brinquedos variam segundo as actividades e os habitos do ambiente familiar, segundo a vizinhança, as occupaões dominantes no grupo social de que faz parte, situação do lugar de residencia, etc. As crianças brincam de motorista, de professora, de costureira, etc. imitando os paes. E' commum o brinquedo de soldado, de operario, de comboio, de navio, etc. por influencia da vizinhança de quarteis, de fabricas, de estrada de ferro, de porto, etc. Crianças do interior não costumam brincar de navio ou de jangada, assim como crianças do littoral não introduzem a pega do boi, as actividades de fazenda ou de engenho nos seus brinquedos. Ainda salientamos a influencia de acontecimentos importantes nos brinquedos infantís: as sedições militares, os desastres, os incendios, etc. dominam como motivos preferidos durante muito tempo, no espirito das crianças.

O brinquedo tem um valor proprio pelo que importa em desenvolvimento mental e affirmação da personalidade infantil. A proposito da tendencia actual da escola em aproveitar o brinquedo como ponto de partida para a acquisição de noções, não é fora de tempo mencionarmos o que diz Bühler: "uma cousa ha de evitar a educação, isto é, o absurdo de querer introduzir nos jogos infantís *miseraveis propositos* educativos" (10). O habito de dar-se a crianças na phase dos brinquedos de construcção cubos em que ha

letras do alphabeto ou fragmentos de mappas geographicos de certo que se acha incluído naquelles *miseraveis propositos* educativos de que fala Bühler. E' preciso que, em cada momento, paes e mestres deixem ás crianças a liberdade de se orientarem conforme as linhas geraes que lhes traça a natureza. Tão condemnavel é o desprezo que os paes possam votar ao destino de seus filhos como a sua excessiva assistencia, ao querer impor-lhes normas impertinentes de conducta.

A concepção philogenica do brinquedo.

A concepção philogenica do brinquedo é uma applicação particular da theoria da recapitulação. Tomando por base a lei biogenetica de Haeckel, segundo a qual o desenvolvimento da criança seria um resumo do desenvolvimento da especie, Stanley Hall procurou uma comprovação desse parallelismo fixando quaes os pontos communs entre a ontogenese e a philogenese. Para isso analysou differentes formas de conducta na criança com o fim de resaltar os elementos que não dependem de influencias do meio nem de acquisições individuaes. Esses elementos da conducta infantil foram então explicados como vestigios de uma actividade ancestral, conservados apesar de todas as vicissitudes e transformações do tempo, em varias formas da conducta do individuo. Assim, o brinquedo infantil para Stanley Hall são rudimentos de actividades das gerações passadas e seu exercicio é necessario ao organismo da criança afim de permittir o desenvolvimento de outras funções, exactamente "como a cauda do gyrino que tem de ser desenvolvida e posta em acção afim de estimular o crescimento ulterior das pernas" (11). Brincando, a criança não só revive uma archaica actividade da especie, a qual tende a desaparecer com a idade adulta, como favorece o desenvolvimento de funções necessarias no estado actual da civilização. Cada brinquedo teria uma historia remota, com raizes na conducta do homem primitivo. Na realidade certos brinquedos infantís teem uma analogia impressionante com as actividades predominantes entre os povos primitivos — a caça, a guerra, a migração. Os brinquedos de lucta, de

esconder, de fuga, etc. parecem residuos da vida primitiva resurgidos na infancia actual. Por outro lado innumerous brinquedos fogem a esta regra: são os brinquedos de imitação de actividades modernas. São estes, talvez, os que predominam na actividade ludica da criança. Quanto ao segundo aspecto, isto é, a função estimuladora do brinquedo, a theoria de Stanley Hall aproxima-se da concepção de Karl Groos — é uma preparação e um aperfeiçoamento de actividades futuras. Assim para a theoria de Stanley Hall, o brinquedo é ao mesmo tempo um post-exercicio e um pre-exercicio.

A concepção biologica do brinquedo.

Entre as varias interpretações biologicas do brinquedo infantil destacam-se as de Karl Groos, de Carr e de K. Lange. Essas concepções vieram substituir as velhas theorias do *repouso* e do *excesso de energia*. A theoria do repouso explica o brinquedo como uma necessidade de descanso do organismo fatigado. Lazarus e Muths aceitando esta explicação não fazem mais do que incorporar a opinião vulgar sobre os jogos em geral. Applicavel ao caso dos jogos do adulto, esta theoria é falsa em relação aos brinquedos infantis, visto como a fadiga das crianças sobrevem por excesso de exercicio durante o proprio brinquedo, e nenhuma outra oportunidade haverá para ellas se fatigarem. Diz Causi que esta concepção empirica do brinquedo tem a vantagem de alliviar os males profundos que resultam do estafante regimen escolar (12).

Segundo a theoria do excesso de energia, defendida por Schiller e Spencer, a criança brinca para consumir a energia superflua que ha em seu organismo. Emquanto a theoria anterior affirma que o brinquedo é um meio de adquirir energia, esta diz que o brinquedo é um meio de consumi-la. Não é aceitavel o ponto de vista de Spencer: não ha energia superflua no organismo da criança. Não se justificaria semelhante prodigalidade da natureza numa época em que o individuo tem de resistir ao processo de crescimento e ás influencias perturbadoras supervenientes do proprio meio. A theoria de Spencer alem disso contem uma injustiça: só

as crianças excessivamente fortes poderiam ter o luxo de brincar.

A concepção de Karl Groos, isto é, a theoria do *exercício preparatorio*, é a que tem maior fundamento scientifico e por isso a maior acceitação. O brinquedo para este autor é uma actividade preparadora da *vida séria*. Observando as formas de conducta entre os animaes novos, notou Groos que ellas variam com as especies e que muito se assemelham á actividade que o animal ha de realizar em seu estado adulto. Cada especie animal teria os seus brinquedos especiaes como possui a sua conducta adulta. Os animaes jovens não fariam brincando outra cousa senão se exercitarem para aquella forma de conducta especifica necessaria á vida dos animaes adultos. Assim, o gatinho, saltando sobre um fragmento de papel e agitando-o com a pata, prepara-se para as futuras lutas com os ratos; os cabritos em face do mesmo fragmento de papel ficarão indifferentes, mas brincam arremessando a cabeça como um exercicio preparatorio dos futuros ataques. Teriam então os brinquedos de cada especie animal a utilidade de exercitar os instinctos ainda mal desabrochados nos primeiros tempos da vida. Quanto mais adeantada fôr a especie tanto mais demorada e variada será a sua preparação durante a infancia, por meio dos brinquedos (13). E' o que acontece com a especie humana. A theoria de Gross tem sido passivel de critica de innumerous autores. T. Causi oppõe á concepção do exercicio preparatorio considerações bem fundamentadas. "Dizer-se que o brinquedo é um exercicio para a vida séria seria não menos incongruente do que affirmar que a idade adulta é a preparação para a velhice e esta uma preparação para a morte" (14). Em seguida Causi justifica: "a vida é um processo condicionado pela constituição organica, no qual em nada entram considerações de idade e de categorias, mas unicamente as possibilidades que os órgãos encerram para desenvolver uma maior ou menor actividade funcional". Ainda Causi leva os seus argumentos ao ponto de ser possivel negar o valor substantivo da infancia com a acceitação da theoria de Groos. Se a função propria da criança é a de preparar-se para ser homem em pequeno, para poder sê-lo

effectivamente mais tarde, se a criança é criança para poder brincar e brincando é como se exercita para a *vida séria* — a pedagogia não teria outra cousa a fazer senão activar essa preparação, dando á criança oportunidades para desenvolver-se rapidamente.

E' claro que não se pode tomar ao pé da letra a concepção de Groos, isto é, que a criança em cada brinquedo se exerceite particularmente para uma certa actividade *séria*; mas poderemos acceitá-la naquelle aspecto do brinquedo como um exercicio de preparação geral para a vida adulta. Brincando de soldado, de chauffeur ou de marinheiro a criança não está aperfeigoando uma tendencia especial; mas é innegavel que por intermedio desses brinquedos a criança adquire uma experiencia geral que tende a consolidar-se por influencia do meio e assim melhor adaptar-se á vida social. Será o brinquedo uma actividade que estimula a preparação geral para a vida adulta. Dahi ser condemnavel a preocupação educacional que procura introduzir nas actividades infantis as occupaões e os trabalhos do adulto. As actividades adultas não podem desempenhar rigorosamente a função dos brinquedos. E' preciso, segundo a expressão de Claparède, deixar que a criança permaneça criança todo o tempo necessario ao seu amadurecimento. A tendencia de certos systemas escolares quererem transformar o ambiente escolar em ambiente de trabalho — tendencia que vae tendo uma acceitação geral — parece-nos um absurdo tão grande quanto esperar de uma criança um sentido de vida que muito distante se encontra ella de possuir. A estrutura mental da criança não se ajusta a semelhante objectivo pratico. Para a criança a acção vale pela propria acção e nunca pelos propositos utilitarios que os mestres procuram conseguir della. O nosso ponto de vista é o de defesa da infancia contra a intromissão da pedagogia do trabalho inoportuno, visto como a infancia é uma phase da vida que tem um valor e um significado que impõem um tratamento e um ambiente proprios para expandir-se livremente.

A theoria de Carr offerece um duplo aspecto: é ao mesmo tempo o brinquedo um estimulo do organismo em crescimento e um derivativo das tendencias anti-sociaes que a

criança traz ao nascer, incompatíveis com o estado actual da civilização. Por ocasião do nascimento o systema neuro-muscular ainda não se acha em condições de exercer plenamente as suas funções; então o brinquedo ha de promover o adestramento dessas mesmas funções nos primeiros annos de vida. Como função cathartica o brinquedo tende a canalizar no sentido util as tendencias consideradas nocivas á vida collectiva. Os impulsos aggressivos e sexuaes que se manifestam tão precocemente na criança adquirem por meio do brinquedo as mais variadas formas de expressão, como os combates simulados, os ataques de *mentira*, o brinquedo da boneca, os brinquedos familiares, etc. (15). Essas formas de expressão constituem um derivativo e uma expansão opportuna e acceitavel do primitivo nucleo aggressivo e sexual. O conceito de *sublimação* das tendencia individuaes da escola psychanalytica tem certa analogia com a *catharese* de Carr. A sublimação não é mais do que uma canalização util dos instinctos perniciosos ao individuo e á sociedade. A acção cathartica é mais accentuada nos ultimos annos da infancia, visto como no inicio da vida as tendencias sociaes se encontram apenas esboçadas. A Causi repugna a função cathartica do brinquedo, porque a criança ao nascer não possui tendencias sociaes ou anti-sociaes, as quaes são *convencionalismos* que a natureza não conhece.

K. Lange interpreta o brinquedo como uma actividade que tem por fim despertar tendencias ainda adormecidas na criança e que as necessidades da vida não estimulam cêdo. O brinquedo desempenha então uma função completa — objectivo semelhante ao que K. Groos attribue ao brinquedo (16). Segundo Claparède a concepção de Lange substitue a realidade, ainda de estreitos limites na infancia, pelo brinquedo que desempenharia um papel predominantemente compensador.

A concepção psychologica do brinquedo.

Entre as theorias que dão relêvo ao aspecto psychologico do brinquedo, salientamos as de Claparède, de Bühler e de Koffka. Claparède attribue ao brinquedo um objectivo de

grande importancia. “E’ evidente — affirma este psychologo — que quando a criança brinca tem a impressão de buscar um fim tão interessante como o são os da vida pratica” (17). Mas os fins procurados pelo brinquedo são *ficticios*, que apenas servem de estimulante da actividade ludica, isto é, “não é para attingir ao fim que a criança realiza o acto, é, ao contrario, para ter occasião de realizar o acto cujo fim é proposto.” Por isso é que os brinquedos de construcções são indefinidamente recomeçados pelas crianças. Para Claparède é essa procura de fins utilitarios que caracteriza o brinquedo; o *como si* realmente prova que as situações do brinquedo não são situações reaes: a criança age *como si* estivesse em face de uma realidade. O brinquedo é então uma oportunidade para a criança affirmar a sua personalidade pela acção. Mas essa tendencia imperiosa de affirmação da personalidade não encontrando os meios communs de exercicio, tende a criar derivativos illusorios que substituem a realidade. *Fazendo de conta* que é grande, na imitação das actividades adultas, das actividades do pae ou da mãe — realiza plenamente a criança uma compensação pela illusão (18). A criança deriva para a ficção “porque as circumstancias reaes não são de natureza a satisfazer sempre suas tendencias profundas”; ella recorre a essa actividade succedanea da realidade pela sua incapacidade de agir seriamente e pela opposição das circumstancias exteriores. O brinquedo vem então corresponder a uma necessidade de affirmação da personalidade da criança por meios que estão ao alcance de suas forças, isto é, graças a uma compensação illusoria.

Bühler considera o brinquedo infantil como uma actividade que tem por factor o *prazer funccional*. “Chamaremos brinquedo — diz este psychologo — toda actividade dotada de prazer funccional e que se mantem em virtude deste mesmo prazer e graças a elle, quaesquer que sejam seu ulterior rendimento e suas reacções de utilidade” (19). Assim, a conducta da criança que agita os membros, que balbucia, appreende os objectos, corre, salta, etc., revela prazer nascido da propria actividade e que é a causa da sua repetição constante.

Oppondo-se em certo sentido á concepção de Spencer, Bühler acha que a natureza agindo directamente sobre os animaes novos, dota-os de uma riqueza de energia, de actividades necessarias ao adestramento da vida adulta. Esta exuberancia de actividade converte-se em fonte de prazer — de prazer funccional — posto á margem todo o exito a que esta actividade attingir.

Sem perder de vista o conceito central de sua escola, K. Koffka considera o brinquedo da criança como uma actividade resultante de suas *estructuras* ainda em estado rudimentar, á semelhança do primitivo. O mundo infantil é construido de *estructuras* independentes, enquanto o mundo do adulto é apreendido como um *todo*. Assim, — diz Koffka — a criança pode ser hoje carvoeiro, amanhã soldado; pode mimar agora um pedaço de madeira e depois atirá-lo ao fogo: não ha conflicto entre as differentes acções visto como nenhuma relação de interdependencia existe entre ellas. Logo que um objecto satisfaz um seu desejo presente é considerado como tendo todas as propriedades desejaveis. A criança tem uma visão unilateral do mundo. Accentuando o sentido utilitario da concepção de Groos, Koffka toma uma attitude de restricção quanto “á falsa applicação pedagogica” que se procura introduzir nos jogos infantis (20). A criança desconhece completamente o fim que o brinquedo representa para ella, mas Koffka vê nelle uma actividade *com exito*, prescindindo de todo resultado de prazer ou desprazer.

A concepção psychanalytica do brinquedo.

O brinquedo infantil é explicado por Freud pelos *principios de prazer e de realidade*. Na criança, desde o nascimento, predomina o principio de prazer. No seu psychismo existe apenas o nucleo central — o *Id* — que a pouco e pouco se desenvolverá segundo um plano de formações successivas e interdependentes. Nesta porção profunda da personalidade residem os impulsos aggressivos e destructivos componentes do inconsciente ancestral, hereditario. A criança por isso não conhece as restricções moraes e sociaes: ella se conduz guiada

por esses impulsos primitivos e desordenados a que Freud denomina os *impulsos de vida*. Podemos dizer que a linha de sua conducta é a que lhe dita o principio de prazer pela satisfação daquelles mesmos impulsos. A criança tende á aggressividade e á destruição como uma maneira de impôr por todos os meios a necessidade de viver. Não ha limitações de ordem moral ou social para a sua attitude inicial aos primeiros contactos do mundo exterior. Como o prazer que lhe proporciona a expansão dos impulsos primitivos identifica-se com a sua propria vida, a criança procura repeti-lo — é o que Freud chama o *principio de repetição*. Quem observa a conducta da criança e nota particularmente como ella reproduz indefinidamente os mesmos actos, aparentemente inuteis, por certo, acceitará o principio de prazer e de repetição como normas predominantes nos primeiros passos da infancia.

Mas o psychismo da criança tende a evolver. Cedo põe-se o *Id* em contacto com o mundo exterior. A realidade penetra aos poucos na sua formação psychica por intermedio do mecanismo *percepção-consciencia*. Lentamente, graças ás aquisições perceptivas, processa-se o phenomeno de accommodation. Já não se torna possivel á criança dar expansão completa aos impulsos amoraes e asociaes do *Id*. Em face da realidade vae tomando ella uma nova attitude: substitue o principio de prazer pelo principio de realidade. Forma-se, então, o *Ego* como uma instancia repressiva do *Id*. Com mais algum tempo — entre 5 e 6 annos — começa a differenciar-se do *Ego* uma outra formação o *Super-Ego* ou o ideal do eu. Organiza-se esta nova instancia psychica que tem por fim evitar a irrupção no *Ego* dos impulsos primitivos do *Id*. O *Super-Ego* tem a sua origem na ultima phase do complexo de Edipo, quando a criança começa a identificar-se com o pae, a considerá-lo como a idealização da força e do saber. A partir desse momento o pae representa a autoridade que é preciso acceitar e imitar. O principio de realidade tende então a orientar-se segundo essa nova instancia repressiva, feita de normas moraes, sociaes e religiosas. A criança terá uma conducta em confor-

midade com as restricções e as imposições estabelecidas pelo padrão de vida social. Graças á influencia permanente da educação dá-se o recalçamento do inconsciente, dominando dahi por diante as exigencias do *Super-Ego*. De certo que o processo evolutivo normal determinará a directriz do comportamento de cada individuo. Mas como esse ideal do *eu* é uma formação imposta por acção restrictiva do meio, a formação mais profunda da personalidade adquirirá novos meios de expressão que estejam em conformidade com as exigencias moraes e sociaes. Esses meios de expressão são symbolos — verdadeiros derivativos do *Id* que permanece activo apesar da censura das instancias superiores.

No brinquedo a criança tem oportunidade de dar expansão aos impulsos archaicos que teem por séde o *Id*. “Todas as reacções do comportamento da criança em relação ás suas bonecas, aos seus animaezinhos de pau, etc. — escreve Arthur Ramos — são assim expressão directa de sua attitude em face das primeiras impressões de seu *entourage*: pae, mãe, etc.” (21). Aquelles impulsos mais profundos — velha herança da especie — e aquelles desejos e aspirações do inconsciente individual são symbolicamente representados por meio dos brinquedos. Nessas differentes formas de expressão do nucleo fundamental da personalidade podemos notar os residuos de uma vida que carece de uma feição condizente com o actual estado de civilização. Manifestam-se desta maneira os antigos impulsos de aggressividade por meio de jogos inoffensivos em que tomam parte verdadeiros simuladores da combatividade do primitivo: os ataques, as batalhas de mentira se acham enquadrados nesta concepção do brinquedo infantil. Igualmente os impulsos sexuaes que nascem com o individuo e o acompanham sempre identificados com a propria vida, manifestam-se sob aspecto symbolico no brinquedo da boneca, nas imitações de scenas domesticas, na camaradagem, nos esportes, etc.

Por seu valor symbolico é então o brinquedo empregado como meio de sondagem do inconsciente na criança. A *psychanalyse* utiliza-se sempre das actividades espontaneas — associações de idéas, actos falhados e sonhos — como instru-

mento de pesquisa do nucleo profundo da personalidade. No brinquedo, a criança poderá revelar da maneira mais exuberante as suas inclinações e disposições reprimidas durante o desenvolvimento individual, por acção das forças coercitivas do meio. Encontram-se no brinquedo todos os meios de analyse do inconsciente: as acções espontaneas, as expressões verbaes, as attitudes e até mesmo o sonho, porque o brinquedo tem muito do symbolismo dos sonhos. Melanie Klein emprega de preferencia o brinquedo como instrumento de analyse das tendencias e inclinações infantis.

A função prospectiva da theoria de Groos teve uma ampliação e uma orientação nova com a escola de Alfred Adler. Aspecto do brinquedo infantil posto em relêvo pelo autor da psychologia individual é o objectivo de superioridade que se descobre na inclinação ou propensão de mandar. Como ha na criança uma necessidade de affirmar-se e dar expansão a suas aspirações e desejos, é no brinquedo que ha possibilidade de exteriorização dessas mesmas aspirações e desejos. Aquelle objectivo de superioridade que Adler surpreende no brinquedo pode ser considerado como a compensação do ideal infantil de *ser grande*. *Fazendo de conta* que é grande, na reprodução das actividades dos paes realiza plenamente essa compensação. Além desse afan de dominio do brinquedo, Adler ainda salienta a sua função como preparação para a vida e despertar do sentimento de communidade. Na attitude que adopta a criança no brinquedo, nas suas preferencias e na importancia que attribue a elle, Adler vê uma regular preparação para o futuro. E ainda "os brinquedos são também, antes de tudo, uma exteriorização do sentimento de communidade, tão grande na criança que procura nelles sua satisfação, apezar de todos os obstaculos" (22). Dahi affirmar que nos brinquedos infantís ha pelo menos um dos tres factores: preparação para a vida, sentimento de communidade e afan de dominio.

REFERENCIAS BIBLIOGRAPHICAS

- 1, 18 — Sylvio Rabello — A Representação do tempo na criança — São Paulo.
- 2, 12, 14 — T. Causi — Bosquejo de una teoria biologica del juego infantil — 1924. Madrid.
- 3 — L. Levy-Bruhl — Les fonctions mentales dans les sociétés inferieures — 1922 Paris.
L'Ame primitive — 1927. Paris.
- 4, 20 — K. Koffka — Bases de la evolucion psiquica (trad.). 1926. Madrid.
- 5, 7, 10, 19 — K. Bühler — El desarrollo espiritual del niño. (trad.). 1934. Madrid.
- 6, 13 — K. Groos — Les jeux chex les animaux. (trad.) 1902. Paris.
- 8 — R. Gaupp — Psicologia del niño. (trad.). 1927. Barcelona.
- 9 — F. Queyrat — Les jeux de l'enfant. 1905. Paris.
- 9, 17 — Ed. Claparède — Psychologie de l'enfant et Pedagogie Experimentale. 1926. Genève.
- 11 — Stanley Hall — Apud Ed. Claparède in op. cit.
- 15 — Carr — Apud E. Claparède in op. cit.
- 16 — K. Lange — Apud T. Causi in op. cit.
- 21 — Arthur Ramos — Educação e Psychanalyse. 1934. São Paulo.
- 22 — A. Adler — Conocimiento del hombre. (trad.) 1931. Madrid.

RESUMO

1 — A infancia e a idade adulta são duas esferas de vida, cada uma com o seu significado e conteúdo próprios. O processo de interpenetração e de justaposição desses dois mundos é favorecido pelo brinquedo. Brincando a criança tem oportunidade de expandir o nucleo archaico que cada individuo guarda como uma herança ancestral.

2 — O animismo infantil á semelhança do animismo do primitivo attribue ás cousas inanimadas as qualidades de vida dos seres animados; constitue este animismo aspecto dominante do brinquedo.

3 — O brinquedo apparece com as actividades vitaes que despertam nos primeiros momentos, logo que essas actividades se exercitam com prazer. O brinquedo se distingue das demais actividades pelo seu character affetivo.

4 — O brinquedo reduz-se a principio aos movimentos desordenados dos membros e aos exercicios vocaes; com a apreensão e a marcha torna-se mais variado; e com o desenvolvimento da invenção elle se apresenta sob modalidades innumeras e imprevistas.

5 — Kal Groos divide os brinquedos em brinquedos experimentaes e collectivos; graças aos primeiros, que são os mais precoces, a criança desenvolve as actividades geraes; graças aos segundos, que são as formas superiores de brinquedo, a criança dá expansão ás actividades especiaes, necessarias á vida em commum.

6 — Em cada momento da vida a criança tem necessidade imperiosa de satisfazer umas tantas disposições physicas ou mentaes; a escolha, a perseverança ou a mobilidade no brinquedo se acham em função dessas mesmas disposições.

7 — E' possível que a boneca descenda em linha recta dos symbolos totemicos dos povos primitivos, symbolos que foram perdendo o seu character mythico com o desenvolvimento da mentalidade humana.

8 — O brinquedo tem um valor proprio pelo que importa em desenvolvimento mental e affirmação da personalidade infantil; por isso é que Bühler denomina de miseraveis propositos educativos á tendencia de introduzir-se nos jogos certas noções instructivas.

9 — Para a concepção philogenica o brinquedo infantil é considerado como vestigios de actividades ancestraes, cujo exercicio é necessario ao organismo da criança afim de permittir o desenvolvimento de outras funções. E' a theoria de Stanley Hall.

10 — Emquanto a concepção vulgar affirma que o brinquedo é um meio de adquirir a criança energia physica e mental, a theoria de Spencer considera-o como um meio de consumir o excesso de energia que existe na criança.

11 — A concepção biologica relaciona o brinquedo com a necessidade de crescimento da criança. Para Groos o brinquedo é uma actividade preparadora da vida futura; para Carr é um estimulo do crescimento; para Lange é um excitante das tendencias innatas.

12 — A concepção psychologica considera o brinquedo do ponto de vista de seu aspecto mental. Para Claparède é o brinquedo uma forma illusoria de affirmação da personalidade; para Bühler é uma actividade que tem como factor o prazer functional; para Koffka é uma actividade resultante das estruturas rudimentares da criança.

13 — O brinquedo segundo a concepção psychanalytica se relaciona com os impulsos aggressivos e destructivos do nucleo profundo da personalidade — o Id. Para Freud a criança tende a affirmar-se segundo os principios de prazer e de realidade.

14 — Para Adler o brinquedo infantil prende-se ao objectivo de superioridade que não é mais do que uma compensação do ideal infantil de ser grande; alem desse afan de dominio ha a

considerar ainda no brinquedo o estimulante do sentimento de comunidade.

15 — No brinquedo a criança revela de maneira exuberante as suas inclinações e disposições reprimidas durante o desenvolvimento individual por acção das forças coercitivas do meio.

VOCABULARIO

Abstracção — Função intellectual que consiste em considerar isoladamente elemento ou elementos de um facto ou idéa.

Amoral — Diz-se daquillo que não se relaciona com os principios moraes.

Animismo — Tendencia primitiva e infantil que attribue qualidades vitaes a seres inanimados.

Cathartico — Relativo á catharse, isto é, liberação dos impulsos reprimidos pelas restricções do meio.

Censura — Força psychica que reprime os impulsos aggressivos e destructivos do id.

Complexo de Edipo — Symbolo psychanalytico que significa a inclinação sexual da criança pelo pae ou mãe. Aproveitamento da lenda de Edipo, filho de Laio, rei de Thebas, e de Jocasta.

Ego — Porção da personalidade que se põe em contacto com o mundo exterior e é regulada pelo principio de realidade.

Id. — Porção profunda, séde dos impulsos aggressivos e destructivos que cada individuo herda das gerações primitivas; é regulado pelo principio de prazer.

Inconsciente ancestral — Conjuncto de instinctos e tendencias mais profundas do Id. — herança da animalidade da especie.

Inconsciente individual — Conjuncto de disposições e tendencias que constituem o fundo da individualidade.

Instancia — Construcção psychanalytica que representa as differentes porções do psychismo humano.

Mythico — Referente a mythos — construcções fabulosas, producto da invenção conservado pela tradição collectiva.

Percepção-consciencia — Estrutura psycho-physiologica responsavel pela relação entre o individuo e o meio exterior.

Principio de prazer — O que regula a livre expansão dos impulsos profundos do Id.

Principio de realidade — O que regula a repressão do Id por imposição restrictiva das normas moraes e sociaes.

Prospectivo — Que diz respeito ao que está distante, no futuro.

Psychologia individual — Escola criada por Adler, dissidente da de Freud. Assenta sobre principios em função do eu, emquanto a de Freud assenta sobre principios em função da especie.

Recalcamento — Expressão reservada para significar a repressão dos impulsos que não se ajustam ao padrão de vida actual.

Super-ego — Instancia psychica superior formada dos ideaes

e aspirações da personalidade. A psychanalyse relaciona-o com a resolução do complexo de Edipo.

Totem — Entidade a que os primitivos attribuíam poderes sobrenaturaes.